

Mauss, Marcel (2023). *A Origem dos Poderes Mágicos nas Sociedades Australianas: Estudo Analítico e Crítico de Documentos Etnográficos*. Edição bilíngue e crítica. Organização e edição por Ari Pedro Oro, Raquel Weiss, Rafael Faraco Benthien. São Paulo: Edusp.

Mariana de Carvalho Ilheo

Doutoranda em Antropologia Social/Universidade Estadual de Campinas

<http://orcid.org/0000-0002-3012-7649>

[marianacarvalho.i@outlook.com](mailto:marianacarvalho.i@outlook.com)

Esta resenha aborda *A Origem dos Poderes Mágicos nas Sociedades Australianas: Estudo Analítico e Crítico de Documentos Etnográficos*, de Marcel Mauss (1872-1950)<sup>1</sup>, publicado em 2017 e reimpresso em 2023 pela Edusp como o quarto livro da Coleção Biblioteca Durkheimiana – que reúne, além de outro texto do mesmo autor, estudos feitos por Émile Durkheim (1858-1917) e Henri Hubert (1872-1927), figuras fundamentais ao pensamento maussiano.

Visto como herdeiro da tradição durkheimiana, Mauss é considerado pioneiro na delimitação do método e do campo da Etnologia francesa, assumindo categorias sociológicas para produzir análises teóricas e documentais sobre sociedades não ocidentais a partir de temas como: técnica e tecnologia; as trocas e economias pautadas em relações de reciprocidade; aspectos psicológicos e costumes; os rituais, a religião e a magia. Contudo, fatores como a dispersão de suas obras em ensaios ou uma lacuna temporal entre a produção e a sistematização de seus escritos, dificultaram o acesso à sua produção deste que se tornou um “mestre sem livros” (Steil, 1997).

---

<sup>1</sup> Originalmente publicado com o título *L'Origine des pouvoirs magiques dans les sociétés australiennes*, no ano de 1904, na V Seção do Anuário da *École Pratique des Hautes Études*; depois editado e republicado pelo autor na coletânea *Mélanges d'histoire des religions*, em 1909; e 1929, reimpresso. Foi traduzido para o espanhol, com uma edição argentina de 1946 e outra publicada em Barcelona, em 1971. Em 1979 chegou ao Brasil. Em 2004 ganhou uma edição em alemão (Mauss, 2023, p. 157-8).

A periodização de sua obra não é um consenso entre comentadores (Cardoso de Oliveira, 1979; Menezes, 2011; Steil, 1997), mas é apresentada em função dos escritos produzidos em sua juventude ou maturidade; ou ainda dividida em três fases conforme sua posição institucional e produção intelectual. O percurso que termina com sua consagração tem início com a participação ativa na publicação da revista *L'Anée Sociologique*, criada em 1898 por Durkheim e fundamental para a institucionalização das ciências sociais na França. Em sua trajetória se destacam o ingresso nos quadros da *École Pratique des Hautes Études* (EPHE) de Paris, entre 1901 e 1913; a contribuição para a criação do *Institute d'Ethnologie* da Universidade de Paris, e o ingresso como sociólogo no *Collège de France*, em 1930.

A primeira tradução de “A origem...” para o português coincide com a consolidação desta referência como fundamental ao desenvolvimento do pensamento sociológico e antropológico no Brasil – com destaque para a originalidade de sua perspectiva (Cardoso de Oliveira, 1979), sobretudo nos estudos sobre religião ou magia (Menezes, 2011; Steil, 1997). A recepção de sua obra foi marcada pela influência da tradição francesa nas ciências sociais brasileiras e coincidiu com o período de consagração externa, com a ampliação de leitores para além de França e Inglaterra.

Esta nova versão ajuda a suprir uma lacuna apontada por comentadores de forma geral, a da dispersão de seus escritos, cotejando as três edições anteriores e mostrando o processo de alteração do texto pelo autor. O conteúdo inclui o original em francês e a versão traduzida em português, junto com informações complementares cuidadosamente apresentadas. Trata-se de um trabalho de curadoria que contempla a apresentação inicial do volume pelas pessoas organizadoras e notas sobre a tradução. E se complementa pelo dossiê crítico composto por três comentários que reiteram a relevância e atualidade à luz de uma visão contemporânea. Ainda há uma biografia comentada e a cronologia de suas obras, além de referências bibliográficas.

O primeiro dos ensaios é assinado pela antropóloga Paula Montero, nele consta a importância de revisitar um clássico com uma reflexão sobre sua dimensão metodológica, mirando o tratamento rigoroso dado aos documentos por Mauss, as estratégias de comparação e condições de produção. O segundo artigo – escrito pela socióloga Raquel Weiss – aponta para a colaboração com o tio e a conexão entre produção individual e movimento intelectual coletivo, tecendo reflexões que partem da religião e mostram “formas elementares” da vida coletiva, regulares e tradicionais, a orientar a experiência individual. O terceiro ensaio crítico foi feito por Nick J. Allen, professor da Universidade de Oxford, recupera as definições de magia e de sacrifício para propor uma leitura da narrativa

de *Vyāsa* – uma figura tradicional hindu a quem se atribui o registro das escrituras sagradas em sânscrito – sobre uma batalha histórica com influência cosmológica, o *Mahābhārata*.

O volume se encerra com índices de nomes citados ou com os quais esse conteúdo dialoga, mas antes apresenta cinco anexos preciosos. A seleção desses documentos aponta para um recorte ainda pouco explorado e amplia as conexões de pesquisa, o que inclui: uma iconografia composta por duas imagens, uma do manuscrito original e outra de seu criador flanando pelas ruas de Londres; fotografias que são precedidas por quatro reações à publicação que circularam na imprensa local.

As duas primeiras resenhas são de intelectuais que representavam algumas divergências, seja em relação a perspectivas teóricas ou institucionais de Mauss. Uma foi publicada em 1905 na *Revue critique d'histoire et de littérature*, por Salomon Reinach (1858-1932) – que teria contribuído para a circulação das obras de figuras como Sir James Frazer (1854-1941) na França, o que ajuda a entender sua ênfase nos trabalhos ingleses sobre a magia entre os chamados povos primitivos, suavizando as críticas colocadas no ensaio<sup>2</sup>. Outra, publicada no mesmo ano em um dos principais espaços de discussão sobre fenômenos religiosos do momento, a *Revue de l'histoire des religions*, foi escrita por Jean Réville (1854-1908) – figura fundamental para a constituição de um campo de estudos do tema em Paris. Já os dois últimos textos foram produzidos por pessoas com quem Mauss se relacionou diretamente. A terceira resenha foi publicada em 1905 na revista *L'Anthropologie* e escrita por Henri Beuchat (1878-1914) – aluno da EPHE e que endossa a crítica ao enquadramento dado à magia pela tradição britânica. A última foi publicada no célebre *L'Année Sociologique*, em 1907, por Henri Hubert, o principal parceiro na formulação da chamada teoria geral da magia.

Como afirma Hubert, “A Origem...” antecipa elementos referentes às conclusões do Esboço (1902-3), onde analisam os agentes, os atos e as representações que fazem da magia um fato de tradição, o que relaciona com o poder adquirido por mágicos. Sendo distinta da religião por sua finalidade, regularidade e agentes, eles afirmam que a magia pode ser entendida em termos de representações sociais e coletivas; as quais podem ser transmitidas e fornecem elementos para a experiência subjetiva, iluminando aspectos como a linguagem, os rito, as técnicas e o corpo (Mauss & Hubert, 2015). Somando este com o ensaio sobre o sacrifício (1899), no qual apresentam o esquema sacrificial como esquema universal para estabelecer uma comunicação entre os mundos sagrado e profano

---

2 Mauss verte sua crítica diretamente ao evolucionismo britânico, que entendia os fenômenos mágicos enquanto uma forma de animismo, diferente da religião, ou uma ciência primitiva para atingir um fim prático. Sua teoria da magia se opõe a qualquer explicação do poder mágico como “[...] simples aplicação, quase técnica, das leis, quase científicas, da simpatia” (Mauss, 2023, p. 39).

por intermédio de uma vítima ritual (Mauss & Hubert, 2013), o texto traduzido completa a tríade do pensamento mágico maussiano. Sua tradução então contribui também para dar visibilidade deslocar a um texto menos conhecido ainda que não menos importante, conforme anunciado na apresentação.

Relacionado a temas de interesse em sua trajetória de pesquisa, o trabalho de Mauss para este ensaio começa com o levantamento e organização dos documentos convertidos em descrição minuciosa, apontando a iniciação dos mágicos como uma questão fundamental colocada pela ciência comparada das religiões. Sua leitura permite identificação de categorias êmicas e conceituais, sem desconsiderar as intencionalidades na produção do material que analisa enquanto registro da ocorrência desse tipo de fato social complexo. Sua análise costura aspectos elementares dos atos mágicos com grande volume de trabalhos monográficos em língua inglesa, principalmente britânicos, produzidos por recém-formados cientistas sociais, entre outros textos.

Seu problema em “A origem...” é a questão da iniciação mágica entre os aborígenes australianos, considerando a transmissão, a iniciação ou a aquisição dos poderes em relação aos padrões e categorias que ordenam o entendimento do fenômeno social, construído a partir de um sistema de elementos simbólicos que produzem coesão a determinados gestos, mitos ou ritos. Olhando para uma “província etnográfica”, ele se interessava pelo estudo comparativo entre os documentos a fim de situar sua descrição dos fenômenos mágicos nas sociedades australianas. Esse recurso permitiu contemplar diferentes organizações ou povos – a que chama tribos e clãs<sup>3</sup> – e registros sobre a noção de poder mágico, classificado de acordo com sua origem. Ao sistematizar tais documentos, percebeu que apontavam para o estabelecimento de “[...] verdadeiras corporações de mágicos e um sistema completo de iniciações e de revelações provocadas voluntariamente” (Mauss, 2023, p. 41).

O ensaio se divide em sete partes<sup>4</sup> e dialoga criticamente com as informações a fim de submeter suas inconsistências ao crivo de uma análise sociológica enquanto o autor apresenta as variações do que compreende como um sistema complexo e suas formas gerais, que se manifestam de forma particularmente homogênea. Para discorrer sobre as especificidades do tornar-se mágico no contexto australiano, ele aponta que o poder

3 Anula; Arunta; Binginga; Bookoomurri; Cambiningree; Dieri; Gnanji; Ilpirra; Kabi; Kaitish; Kalkadoon; Kolor; Kombingherry; Kopan; Kulin; Kupitja; Kurnai; Kuurn; Maras; Minyug; Miorli; Mita-Koodi / Mitakoodi; Ngarego; Pegulloburra; Pitta-Pitta; Quatcha; Raminjerar; Ta-Ta-Thi; Theddora; Unmatjera; Urabunna; Warramunga; Wathi-Whati; Wiraijuri; Wirreenun; Wolgal; Worgaia; Wotjobaluk; Yarrakaninia; Yuntamarra.

4 I. O poder mágico; II. O nascimento; III. A revelação; IV. A iniciação por outros mágicos; V. As relações entre a iniciação por revelação e a iniciação por tradições mágicas; VI. A conservação e a perda dos poderes mágicos; VII. Conclusão.

mágico se faz presente de muitas formas, mas se manifesta através de um signo material ou substância mágica, contidos no corpo do mágico, em sua “sacola de medicina” ou em alguma substância mágica – geralmente cristais de rocha ou ossos – da qual absorve seus poderes, em segredo (Mauss, 2023, p. 43).

Mauss estabelece uma comparação com o contexto das sociedades indianas ao afirmar que a classificação hindu das múltiplas origens do poder mágico se aplica às magias australianas; mas, entre as sociedades australianas, os magos não formam uma casta. Neste caso, o poder “[...] provém do nascimento, do conhecimento de fórmulas e de substâncias, bem como da revelação extática” (Mauss, 2023, p. 51). Assim, nota que sua origem não é unicamente associada ao nascimento, não sendo a transmissão dos poderes mágicos simplesmente um dom inato; para ele, as condições para que o poder mágico se torne hereditário são determinadas através da vida social. Em suas palavras, “O mágico é um ser que se acreditou e se colocou, ao mesmo tempo que foi colocado, como singular” (Mauss, 2023, p. 117).

Para tornar-se mágico nas sociedades australianas é preciso passar por um processo de iniciação com sacrifícios, provações e rituais que preparam um indivíduo para a aquisição da virtude mágica através da revelação – o que inclui o contato com espíritos de ancestrais mortos, espíritos da natureza, espíritos totêmicos ou espíritos míticos divinos; mas também as mais complexas, de tipo mágico, mediadas por substâncias mágicas que oferecem uma experiência transformadora de êxtase e delírio, que altera sua personalidade profundamente. Em resumo, “[...] o mágico obtém seus poderes ascendendo aos céus e em um encontro que ele faz com um espírito depositário desses poderes” (Mauss, 2023, p. 65). Assim se produz a identificação entre o mágico e os diferentes tipos de espíritos detentores de poderes.

Portanto, esse reconhecimento coletivo envolve duas formas de iniciação aparentemente heterogêneas que se sobrepõem – transmissão hereditária e revelação – possibilitando a passagem constante do sonho à realidade, e pautando elementos imaginários que fornecem sentido para o processo por meio do qual alguém se torna mágico (Mauss, 2023, p. 75). A preparação para a iniciação passa pela absorção de substâncias mágicas que podem despertar seus poderes e alterar sua visão do futuro, provocando a sensação de que sua personalidade é modificada; a posse interna das substâncias garante a incorporação das forças mágicas e da natureza. Após a iniciação regular, podem se suceder as revelações por espíritos. Tudo isso simboliza uma alteração na realidade, quando “[...] o indivíduo morre e renasce no decorrer dessas múltiplas passagens” (Mauss, 2023, p. 77). Com exceção de eventos extraordinários que podem produzir um mágico ao sinalizar um poder milagroso, é a ligação especial entre um mágico e os espíritos que o caracteriza,

diferenciando sua figura de um charlatão – apesar do estigma que recai sobre ambos – e aproximando de um médico pela realização de “curas e proezas” tão maravilhosas quanto as que narra para reforçar sua autoridade na comunidade.

Além da revelação, Mauss identificou a iniciação mediada por outros mágicos, aos quais caberia comunicar ao novo mágico uma nova vida; isso estreitaria relações entre iniciação por revelação e iniciação por tradições mágicas, já que o contato com os espíritos não dispensa a educação pelos anciãos sobre os segredos da arte mágica (Mauss, 2023, p. 107). Assim, a magia se sustentaria por uma crença coletiva: um “[...] terreno movediço no qual o mito, o rito, as sensações, os atos, as inspirações, as ilusões e as alucinações se misturam, não sem harmonia, para formar uma imagem tradicional do mágico” (Mauss, 2023, p. 111). Portanto, a manutenção ou perda dos poderes mágicos são associadas ao enfraquecimento dessa crença ou algum tipo de risco, assim como ao seu fluxo natural – como a não consolidação dos poderes por falhas na iniciação ou seu retorno aos espíritos originários com a morte do mágico.

Como conclusão, reitera a relação entre experiência subjetiva e coletiva, pois “O mágico australiano é aquilo que é, sente aquilo que sente [...] porque, para ele e para os outros, ele é um ser que a sociedade determina e pressiona a desempenhar seu personagem” (Mauss, 2023, p. 121). A atualidade deste ensaio reside nos desafios de investigação que coloca para as ciências humanas, também como inspiração no processo comparativo dos modos de transmissão de poderes mágicos em diferentes contextos.

## Referências

- Cardoso de Oliveira, Roberto (1979). *Introdução a uma leitura de Mauss*. In M. Mauss, *Marcel Mauss: antropologia*. São Paulo: Ática. pp. 7-48.
- Mauss, Marcel (1979). *A Origem do Poder Mágico nas Sociedades Australianas*. In M. Mauss, *Marcel Mauss: antropologia*. São Paulo: Ática. pp. 60-101.
- Mauss, Marcel & Hubert, Henri (2013). *Sobre o sacrifício*. São Paulo: Cosac Naify.
- Mauss, Marcel & Hubert, Henri (2015). Esboço de uma teoria geral da magia. In M. Mauss, *Sociologia e Antropologia: Marcel Mauss*. São Paulo: Cosac Naify. pp. 45-180.
- Menezes, Renata de Castro (2011). Marcel Mauss e a sociologia da religião. In F. Teixeira (org.), *Sociologia da Religião: enfoques teóricos*. Petrópolis: Vozes. pp. 94-124.
- Steil, Carlos Alberto (1997). A recepção de Marcel Mauss no Brasil. *Horizontes Antropológicos*, 3, pp. 144-157.

Recebido em 26 de março de 2024.

Aceito em 2 de maio de 2024.